

A detail from Raphael's fresco 'The School of Athens'. It shows Plato, an older man with a white beard and hair, wearing a white robe and holding a scroll aloft. He is looking upwards. Below him, Aristotle, a younger man with a brown beard and hair, wearing a blue and yellow robe, is gesturing downwards with his right hand. The background is dark and textured.

ANTÓNIO REBELO
MARGARIDA MIRANDA
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E
A UNIVERSALIDADE DOS
SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME II

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

António Manuel Ribeiro Rebelo é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde lecciona desde 1988. É membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido a sua investigação no âmbito das línguas e literaturas clássicas, e muito particularmente na área da filologia latina medieval. É membro de várias sociedades académicas e científicas, nacionais e internacionais.

Maria Margarida Lopes de Miranda é membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e Prof. Associada da Univ. de Coimbra, onde fez doutoramento e ensina na área da Língua Latina e dos Estudos Clássicos. Tem como principais áreas de investigação as fontes neolatinas do Humanismo Renascentista, nomeadamente a acção cultural e pedagógica dos Jesuítas e a sua produção cultural, literária, artística e filosófica.

ANTÓNIO REBELO
MARGARIDA MIRANDA
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME II

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

COORDENADORES EDITORS

António Rebelo

Margarida Miranda

Assistentes Editoriais Editorial Assistants

Daniela Pereira

Leonor Lima

Teresa Nunes

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2033-6

ISBN Digital

978-989-26-2034-3

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2034-3>

CAPA COVER

Raffaello, sibille e angeli

Public domain via Wikimedia Commons



Projeto UID/ELT/00196/2019 - Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

© Novembro 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

HUMANISMO E
RENASCIMENTO NA
CULTURA PORTUGUESA

(Página deixada propositadamente em branco)

**A DESCONSTRUÇÃO BURLESCA DO MITO
CAMONIANO NA PÓS-MODERNIDADE BRASILEIRA
(POR MARES NUNCA DANTES, DE GERALDO CARNEIRO)***

MANUEL FERRO

Univ. Coimbra, CIEC

ORCID 0000-0001-8095-6210

ferro@fl.uc.pt

No conto intitulado “A Desdita da Lira”¹, de 2003, Nélida Piñon recria e reconstitui os percursos e deambulações de um Camões envelhecido pelas ruas da cidade de Lisboa do seu tempo, ao mesmo tempo que se questiona sobre o valor da escrita e a importância da sua obra, muito em particular *Os Lusíadas*, enfatizando a descoberta da Índia e os feitos praticados pelos portugueses naquelas paragens, a ponto de os elevar à categoria de heróis e semideuses, apesar de ter extrapolado para as suas personagens a experiência de vida que ele próprio havia colhido nas viagens realizadas. Seguindo essa linha do pensamento, pondera:

Terá sido mania de grandeza haver cantado a descoberta do caminho marítimo para a Índia, fazendo de Vasco da Gama herói acima da medida humana, mencionando-lhe os feitos como se estivesse a falar de mim? [...] Às vezes encurralado na água-furtada, assalta-me a esperança de tomar da pena, abandonar a Índia, que me cobriu de pobreza e retomar o trecho n’*Os Lusíadas* no qual menciono o Brasil, entregue a Martim Afonso de Souza, que, sob as benesses dos trópicos, em obediência ao rei, dividiu o território em capitânias e plantou ali o que fizesse falta ao reino.

^{*} O autor deste texto é estruturalmente contrário ao chamado Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), pelo que não o adota. A ortografia seguida é da responsabilidade da Imprensa da Universidade de Coimbra, que, enquanto instituição pública, o exige por imposição legal a que está obrigada.

¹ Piñon 2003: [3]-[13]. A obra literária de Nélida Piñon atesta uma valorização e um interesse singular pela criação do nosso Poeta maior, por vezes tomando-a como motivo de inspiração. Além desta narrativa, a título de exemplo, pode-se mencionar o conto “Adamastor”, inserido no volume *Sala de Armas*, de 1973. Entre outros estudos sobre esta matéria, várias foram as vezes que Maria Aparecida Ribeiro revisitou a obra de Nélida Piñon, destacando-se, em feição de síntese desses estudos, o ensaio intitulado “Um Adamastor ambíguo, uma tuba enrouquecida: Camões na leitura de Nélida Piñon”, de 2012.

Tal esperança solapa-me a alma. Mas como exaltar o Brasil se me falta a inspiração, destilo raiva e não pus ali os pés? Embora fosse aceitável o que dele eu dissesse, pois falando do Brasil, onde mal se balbucia a língua lusa, seria como discorrer sobre Portugal. Uma terra ainda sem vícios e terrores, de feitiço novo, onde a imaginação se ajusta a um molde novo. Ou será que aspiro, através deste poema, não exactamente celebrar o Brasil, mas vingar-me dos invejosos que jamais me perdoaram o fogo que ao me acender apagava seu brilho? Ah, com quantos nacos de minha carne paguei os dons espelhados na minha poesia.

E que epopeia iria tecer a esta altura, se nem a lírica retribui à minha pena? Além do mais, o mundo é maior do que eu pensava. [...] Assim, o Brasil, que antes teve tantos nomes, é uma realidade tão singular que nenhum aventureiro em curto tempo o cruzará a cavalo. Mas se vier a escrever sobre a colónia, será sob a forma de carta. Não saberei assim que me falta o vigor poético de transformar o banal no voo esplêndido de um pássaro airado. Antes que a poesia heroica me abandone, renuncio a ela. Ah, recordo, sim, que, ao escrever no Canto X a palavra Brasil, senti um sobressalto, terá sido um presságio?²

Marcado pelo ressentimento e falta de reconhecimento público, todo o discurso de primeira pessoa do Poeta é trespassado de melancolia. O Brasil impõe-se como alternativa à Índia, um espaço de inúmeras potencialidades, um mundo a explorar, mas sem o fascínio que o Oriente na altura despertava. A fortuna e a abundância daqueles domínios embriagavam as mentalidades da época e a Índia atraía como que para o abismo todos quantos aspiravam a um enriquecimento rápido e sem pudor de qualquer natureza. As advertências e admoestações de Sá de Miranda patentes na Carta a António Pereira Senhor de Basto³,

Não me temo de Castela,
Donde inda guerra não soa,
Mas temo me de Lisboa,
Que, ó cheiro d'esta canela,
O reino nos despovoa,
E que algum embique ou caia!
Ó longe vá, mau agouro!
Falar por aquela praia
Na grandeza de Cambraia,
Narsinga das torres de ouro!⁴

² Ibid., [3]-[4].

³ Miranda: 237-250.

⁴ Ibid.: 237-238.

revelam bem como as mentalidades e esquemas mentais se encontravam moldados de modo a reconhecerem a Índia como o destino preferencial para a satisfação da ambição do português de Quinhentos. É porventura por esse motivo que a narrativa de Nélida Piñon se encerra com um Camões desalentado e cansado da vida, a desistir do projeto de redigir um poema sobre as terras de Vera Cruz.

O Brasil nada me diz, não lavrarei outro poema. É um projecto de que não participei. Estou velho, à beira da morte. Não sou como o cisne, que ao morrer solta o mais belo dos seus cantos. Rouco, os dias me emudecem. Não me sobra tempo para mirar as mulheres no Rossio, travar os suspiros, sorver os goles de um vinho avinagrado que os frades me oferecem e que a fantasia diz-me ser um falerno procedente da Itália. Que pena despedir-me sem fartura e glória, sem mais apenas.⁵

A carta que ainda pondera poder compor seria o género alternativo alvitrado, remetendo sugestivamente para a carta de Pero Vaz de Caminha, mas que, reconheçamos, não alcança o lustre que a epopeia podia conferir à descoberta e às riquezas das terras do Novo Mundo. E depois, porventura pelo estigma da falta de um génio equiparado, jamais foi possível que o Brasil alcançasse nestes séculos a projeção literária que a Índia ao tempo atingiu. Na série de epopeias compostas – a *Prosopopeia*⁶ (1601), de Bento Teixeira; *Eustachidos*⁷ (1769) e *Descrição da Ilha de Itaparica*⁸ (1769), ambas de Frei Manuel de Santa Maria de Itaparica; e mesmo o *Uruguay*⁹ (1769), de José Basílio da Gama, e o *Caramuru*¹⁰ (1781), de Santa Rita Durão – nenhuma delas granjeia o fôlego e a dimensão parabólica d’*Os Lusíadas*. Pena que o projeto da *Brasileida*¹¹ (1759) de Domingos da Silva Teles tenha fracassado! Restava, pois, aguardar pela regeneração das letras através de outros géneros, como aliás aconteceu com os Estados Unidos da América que, na ausência de uma epopeia fundacional, ansiavam por “the great American novel”. No entanto, o paradigma camoniano, que perderá pelos séculos fora, não vem estimular só a composição de epopeias, até ao esgotamento do género, seguindo os códigos mais canónicos, processo que em Portugal se dá numa longa e duradoura agonia ao longo do século XIX. Logo poucos anos após a publicação d’*Os Lusíadas*, em 1589, deparamo-nos com uma paródia ao primeiro Canto do poema, da autoria de quatro estudantes da recente

⁵ Piñon: [13].

⁶ Teixeira 1601.

⁷ Itaparica 1769.

⁸ Ibid. 1769.

⁹ Gama 1769.

¹⁰ Durão 1781.

¹¹ Cf. D’Azevedo 1922: 85-95.

(ao tempo) universidade de Évora¹². Estava lançado um filão que iria denunciar a popularidade da obra camoniana e que, pelo tom jocoso alcançado, contribuiria fortemente para que a epopeia se tornasse ainda mais familiar da generalidade do povo português. Múltiplos foram os poemas heroi-cômicos compostos em que se identifica de imediato o modelo seguido, quer pelo estilo, quer pelo modo de abordar a matéria épica. E a sua exuberância vai perdurar muito para além da vitalidade da epopeia, chegando até aos nossos dias¹³.

Ora o poema heroi-cômico, por vezes olhado com preconceito e considerado um género menor, certamente em virtude da componente jocosa, irónica, satírica, cômica ou mesmo grotesca que lhe é inerente, deve ser visto também como o resultado de um conseguido processo de desconstrução do paradigma épico mais canónico. Naturalmente que esse ato de desconstrução deve ser entendido enquanto estratégia de reflexão, de lançamento de hipóteses, de distanciamento e, ao mesmo tempo, de identificação ou associação com ideias ou modelos, numa contínua questionação dos códigos consagrados pela épica, muito particularmente de matriz homérica e virgiliana, mas sobretudo camoniana, no contexto lusitano. E muito particularmente, numa dialectica que segue uma lógica multidirecional de índole interdisciplinar e num desafio constante que a reescrita de textos heroicos representa, ao privilegiar matérias humildes. Torna-se, assim, um espaço ideal de pesquisa, a fim de se analisar a contaminação da História e teoria literárias com a análise textual imanente, num jogo de continuidade e rutura, de subjetividade e tradição. Nem sempre se distinguindo com facilidade do poema burlesco, por privilegiar o conteúdo em menosprezo da forma, enquanto o heroi-cômico dignifica a forma porque ela transfigura o conteúdo, o certo é que a intenção drolática de uma narrativa épica, em verso e de carácter jocoso torna-se, pois, o traço distintivo deste género, tão antigo quanto a produção épica mais genuína¹⁴.

É neste sentido que *Por mares nunca dantes*¹⁵ (2000), de Geraldo Carneiro, deve ser abordado: por um lado, privilegiando um modelo clássico de referência seguido – *Os Lusíadas*, poema de exaltação nacional por excelência das letras portuguesas; por outro, visando a sua constante atualização, de acordo com a

¹² Freire, 1845. Sobre este poema, veja-se, mais recentemente, o estudo de Hue, 2012: 39-44.

¹³ Sobre a fortuna do género nas letras portuguesas, vejam-se os títulos de Vasconcelos 1879; Pimentel 1922; e Lima 1930.

¹⁴ Sobre a natureza do poema heroi-cômico, vejam-se as reflexões contidas em Genette 1982: 153-155; e Ferro 2011: 603-616.

¹⁵ Carneiro 2000. Geraldo Carneiro, nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1952, vive no Rio de Janeiro desde 1955. Notabilizou-se como poeta, letrista para os mais conhecidos intérpretes da música brasileira contemporânea, tradutor, dramaturgo e roteirista. Iniciando a sua atividade literária na denominada geração de “poesia marginal”, conta com mais de uma dezena de volumes publicados, entre poesia e prosa, alguns deles premiados (Prémio Lei Sarney de Melhor Livro de Poesia do Ano, 1988, por exemplo). Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 2016.

matéria tratada, o herói privilegiado – o Poeta Luís de Camões – e o novo contexto em que aparece inserido, o Rio de Janeiro dos dias de hoje.

Sem respeitar as partes canónicas da epopeia – a proposição, a invocação e a dedicatória –, ou melhor, substituindo-as por outras com as mesmas funções, a narrativa inicia-se *in medias res*, como o poema camoniano, e até, no âmbito da narração, aproximadamente no mesmo lugar, nas cercanias do Cabo das Tormentas / Cabo da Boa Esperança. O poema está dividido em doze partes, a que se acresce um posfácio. Uma epígrafe dantesca e outra camoniana servem de arranque a um poema que se inicia com o protagonista a bordo de uma caravela a caminho da Índia. Usa-se, desconstrói-se e joga-se com o idioleto camoniano. O leitor situa de imediato a ação no século XVI, quer pelos factos narrados, quer pelo estilo e linguagem utilizados. Mas na segunda parte, sugestiva e ironicamente designada por “Sturm und Drang”, o mundo subverte-se e o Poeta aparece no Rio de Janeiro em pleno fim do século XX. Através do choque verificado entre as duas mundivisões, acentuado pela linguagem usada, e do (des)encontro das personagens resulta a desconstrução do grande feito épico que constituiria a viagem de Camões, evidenciando o tom jocoso e burlesco das situações criadas e, conseqüentemente, a desmontagem do perfil heroico do Poeta que, orgulhosamente, ostentava “numa mão sempre a pena e noutra a espada”. Para facilitar a vida ao leitor, o editor apresenta a obra na contracapa de modo condensado:

Por mares nunca dantes é um poema épico-burlesco, cujo protagonista mais visível é o poeta Luís Vaz de Camões. O enredo é simples: na travessia do Cabo das Tormentas, a caravela de Camões cai num provável buraco negro e acaba desembarcando no Rio de Janeiro de hoje, mais de quatro séculos depois. A viagem imaginária de Camões serve de pretexto para a viagem poética de Geraldo Carneiro, na qual se misturam as falas do português de diversas épocas. Por trás das peripécias épico-burlescas de Luís Vaz, em suas andanças pela terra das vergonhas saradinhas, conforme expressão de Pero Vaz de Caminha, o grande protagonista de *Por mares nunca dantes*, de Geraldo Carneiro, é a própria linguagem.¹⁶

Na realidade, é ao nível da linguagem que Geraldo Carneiro revela todo o conhecimento e domínio da língua lusa de Quinhentos, mormente o idioleto de índole camoniana, e, a par, o português do Rio de Janeiro da atualidade, tal como é usado sobretudo pelas classes mais baixas da sociedade, com quem Camões aqui se cruza e com quem estabelece contacto. Não deixa de ser curioso que, se durante séculos se construiu uma imagem de Camões guerreiro, aventureiro, viajante, galante e cortesão, na atualidade começa-se a valorizar de igual modo aquele Camões que vivia com dificuldades económicas, quando

¹⁶ Carneiro 2000: contracapa.

não mesmo em situações de real miséria, frequentando o *bas-fond* da sociedade lisboeta da época, a taberna do malcozinhado, a companhia de prostitutas ou os antros de jogos clandestinos. José Saramago fá-lo em *Que farei com este livro*¹⁷, mas se procurarmos os fundamentos e precursores dessa imagem, verificamos que as primeiras biografias do Poeta já deixam entrever um homem do seu tempo, com vícios e qualidades, além da sua vertente genial. Manuel Severim de Faria¹⁸ denuncia a perdição de Luís Vaz pelo jogo e Manuel de Faria e Sousa, na segunda versão da “Vida do Poeta”¹⁹, anteposta ao Tomo I das *Rimas Várias*, de 1685, quando pretende deixar esclarecidos alguns detalhes ou corrigir outros da primeira versão da biografia camonianiana de sua lavra, a introduzir *Os Lusíadas* e respetivos comentários, de 1639, assevera que, depois da fase da admiração plena e aceitação de Camões nos ambientes áulicos, este se dava, circulava e acompanhava com pessoas de baixíssima condição social, mormente de mulheres que o inspiravam e lhe serviam de musas, já que Camões “em várias flamas variamente ardia”. Por conseguinte, no poema de Geraldo Carneiro, se o Brasil é sugestivamente designado como a “terra das vergonhas saradinhas”, remetendo para Pero Vaz de Caminha, as personagens com quem o Poeta se confronta provêm de um universo quase surreal – office-tupinamboys, strip-teasers, travestis, prostitutas, pais de santo ou executivos, enfim toda uma variedade de gente completamente estranha à mundivisão quinhentista –, não ficando muito longe, todavia, em termos de exotismo, das figuras com quem Camões se teria confrontado nas suas viagens pelo mundo fora e, na capital do império, com as suas diretas interlocutoras, poeticamente metamorfoseadas em musas. Por isso, na quarta parte, “Admirável Mundo Novo”, depois de “Caos e o Cosmo”, já na “Terra papagalarum”, e do penoso confronto verbal com o office-boy Body Preto, Luís Vaz é conduzido ao cabaré Kalessa da Praça Mauá e aí tem a revelação das maravilhas das Índias Ocidentais, contactando com o mercado do sexo em todas as suas variedades e preços e que o Poeta exalta recorrendo à mais elaborada retórica renascentista, quando não mesmo, na apoteose do arrebatamento, a um discurso em latim, e se apaixona pela prostituta, a “deusa fosca” em suas palavras, que apelida de Aurora Boreal. Mas as novas experiências e revelações passavam também pelo conhecimento do mundo e do universo, como se uma nova versão da Ilha dos Amores se tratasse, pelo contacto com novas realidades, como o conceito de “travesti” e de “aeroplano”, ou eventos locais como o carnaval, inovações comerciais como Tele Rio Times Square, ou culturais, como o Real Gabinete Português de Leitura, onde passa a estar consciente da fortuna do poema épico de sua autoria (que vê, claramente visto, impresso na sua frente),

¹⁷ Saramago 1980.

¹⁸ Faria 1999: 97-152.

¹⁹ Sousa 1972: f. [11] – f. [16v].

facto que confirma a profecia do Pai Creuzo Caveirinha, posteriormente formulada num terreiro de candomblé, segundo o qual ele se tornaria um *grande* poeta, além de se aperceber da restante constelação de nomes das letras lusas ali reunidos. Com o vil metal que por milagre lhe cai nas mãos, retorna ao recesso dos encantos de Aurora Boreal para a consumação plena da sua ilha dos amores, toma conhecimento de futuras ocorrências, e, antes da apoteose plena, escreve uma carta, nova versão da de Pero Vaz de Caminha, para o reino, a dar conta dos seus sucessos. E como nada é eterno, nem desconcerto do mundo que não seja remediado, o babalorixá de Belford Roxo reverte a mágica do tempo e Luís Vaz é reconduzido de volta à sua época.

Todavia, de um ponto de vista formal, é ainda curiosa a introdução feita na badana da capa do livro. Correspondendo parodicamente ao parecer do censor do Santo Ofício e demais licenças do Paço e outras autoridades, necessárias para a publicação de qualquer obra no século XVI (e seguintes), introduz-se a apreciação do Poeta, a fim de credibilizar ironicamente a obra que apresenta, estabelecendo entre o leitor e o poema não só uma variante de pacto biográfico, como também um pacto referencial, quando o leitor, à partida, sabe de antemão que o conteúdo se trata de pura ficção:

Li, a princípio com relutância, o relato apócrifo de minha viagem à Terra dos Brasis. Como sabem os meus mais próximos, estive por duas vezes nas Índias, a serviço de el-rei. Jamais cogitei, no entanto, de visitar as terras do Novo Mundo. Se mencionei tal conjectura a meus camaradas de armas, foi só por desenfadamento ou fantasia. Mesmo que o não tenha feito, a verdade é que acudiu-me o sentimento de reconhecer-me nas linhas deste livro, como se se relatara nele a vida que eu pudesse ter vivido, ainda que me repugnassem, por fantasiosas, obscuras ou insensatas, algumas de suas passagens. E a despeito de seus solecismos, barbarismos e desvarios, também reconheço nele o perfume e certo modo de ver o mundo que não me é completamente estranho. Por tais motivos, aceitei que imprimissem estes feitos, e os recomendo à leitura de Vossas Mercês.

Luís Vaz de Camões²⁰

Por conseguinte, *Por mares nunca dantes* além de ser logo apresentado como um poema épico-burlesco, vai mais além por contribuir para a desconstrução do mito camoniano em tom de paródia de obras que se alinham na tradição literária afins, mormente no contexto português. Se as biografias camonianas de Pedro de Mariz²¹, depois as já mencionadas de Manuel Severim de Faria e de Manuel de Faria e Sousa constituem pedras basilares para a configuração do

²⁰ Carneiro 2000, badana da capa.

²¹ Mariz 1613, f. [4] – f. [6v].

mito, este alcança os seus contornos poéticos com a obra de Almeida Garret, *Camões*²² (1825), quando a matéria épica se reduz a três cantos e os restantes são preenchidos com as vicissitudes da vida de Luís Vaz. Depois, através dos posteriores sucedâneos, molda-se a imagem do Poeta de acordo com a ideologia da época, o gosto e os objetivos visados. É assim que Camões nas celebrações do terceiro centenário da sua morte se torna um instrumento da propaganda republicana; durante a primeira República, divulgam-se as celebrações em honra do Poeta, o seu nome surge na toponímia da generalidade das cidades, vilas e aldeias, e além disso vem inspirar um caudal volumoso de poemas herói-cômicos e paródias²³; e, durante o período do Estado Novo, o regime dele faz o poeta supremo da raça. Hoje reconduzido ao seu valor literário de referência, graças às suas deambulações pelo mundo, é também a sinédoque do português espalhado pelos cinco continentes e das comunidades lusas no globo.

À luz da estética pós-moderna, através da revisitação da tradição literária, a uma luz crítica, irónica, quando não paródica, segundo o conceito formulado por Linda Hutcheon²⁴, procede-se à desconstrução de um mito identitário da Cultura e da Literatura Portuguesas. É nesse sentido que *Por mares nunca dantes* de Geraldo Carneiro ganha foros de cidadania na produção literária hodierna e pode preencher o vazio de uma epopeia de dimensão parabólica sobre a descoberta do Brasil. Ao desconstruir um mito, revitaliza-o e, reconfigurando-o, atualiza-o, mostrando como é possível trazer um clássico – o Poeta e a sua obra maior, *Os Lusíadas* – para o contexto cultural e literário da contemporaneidade.

²² Garrett 1973.

²³ Cf. Vasconcelos 1879; Pimentel 1922; e Lima 1930.

²⁴ Hutcheon 1989.

BIBLIOGRAFIA

- Carneiro, Geraldo (2000), *Por mares nunca dantes*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva.
- D'Azevedo, J. Lucio, "Academia dos Renascidos. A Historia. 'Desaggravos do Brasil' e o poema 'Brasileida'", *Revista da Lingua Portuguesa. Archivo de Estudos Relativos ao Idioma e Litteratura Nacionaes*, N.º 19, Ano IV, Rio de Janeiro, Typographia Fluminense, Setembro de 1922, 85-95.
- Durão, José de Santa Rita (2000; 1ª. ed., Lisboa: na Regia Officina Typografica, 1781), *Caramuru*, São Paulo, Martins Fontes Editora.
- Faria, Manuel Severim de (1999; 1ª ed.: 1624), *Vida de Luís de Camões*, in: Manuel Severim de Faria, *Discursos Vários Políticos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda., 97-152.
- Ferro, Manuel (2011), "Transitoriedade e caducidade dos géneros literários: o caso do poema herói-cómico", in *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Nobre Gouveia Delille*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade / Centro de Investigação em Estudos Germanísticos / Edições Minerva, Vol. I, 603-616.
- Freire, Manoel Luís et alii (1845; composição: 1589), *Paródia ao primeiro Canto dos Lusíadas de Camões. Festas bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lusíadas do grande Luiz de Camões, vertidos do humano em o de-vinho, por uns caprichosos. Autores: Dr. Manoel do Valle, Bartholomeu Varela, Luiz Mendes de Vasconcellos e o licenciado Manoel Luiz. Anno de 1589*, Porto, Typographia da Rua Formosa.
- Gama, José Basílio da (1996; 1ª. ed.: Lisboa: na Regia Officina Typografica, 1769), *Uruguay*, in: Ivan Teixeira, *Obras Poéticas de Basílio da Gama*, São Paulo, EDUSO, 187- 244.
- Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida (1973; 1ª ed.: 1825), *Camões. Poema em Dez Cantos*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Genette, Gérard (1982), *Palimpsestes. La littérature au second degree*, Paris, Seuil.
- Hue, Sheila Moura (2012), "Quatro teólogos de Évora e a paródia ao canto primeiro de Os Lusíadas", *Convergência Lusíada*, 27, 39-44.
- Hutcheon, Linda (1989), *Uma teoria da paródia*, Lisboa, Bertrand.
- Itaparica, Fr. Manuel de Santa Maria de (1769), *Descrição da Ilha de Itaparica, Termo da Cidade da Bahia*. s. l., s. e.
- Itaparica, Fr. Manuel de Santa Maria de (1769), *Eustachidos. Poema Sacro e Tragico-mico, em que se conteem a Vida de S.to Eustachio Martyr Martyr, Chamado antes Placido, e de sua Mulher, e Filhos*. s. l., s. e.
- Lima, Henrique de Campos Ferreira (1930), *As paródias na literatura portuguesa. Ensaio bibliográfico*, Lisboa, Solução Editora.

- Mariz, Pedro de (1613), “Ao estudioso da lição poética”, in Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, por Pedro de Craesbeeck.
- Miranda, Francisco Sá de (1989). *Poesias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pimentel, Alberto (1922), *Poemas herói-cômicos portugueses*, Porto, Renascença Portuguesa.
- Piñon, Nélica (1973), “Adamastor”, in Nélica Piñon, *Sala de Armas*, Rio de Janeiro, Nova fronteira.
- Piñon, Nélica (2003), “A desdita da lira”, in Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, Edição Expresso, [3]-[13].
- Ribeiro, Maria Aparecida (2012), “Um Adamastor ambíguo, uma tuba enrouquecida: Camões na leitura de Nélica Piñon”, in Maria do Céu Fraga et alii. (Org.). *Camões e os Contemporâneos*, Braga, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos / Universidade dos Açores / Universidade Católica Portuguesa, 745-756.
- Saramago, José (1980), *Que farei com este livro?*, Lisboa, Caminho.
- Sousa, Manuel de Faria e (1972; Ed. facsimilada da de Lisboa: en la Imprenta de Theotonio Damaso de Melo [...] Año de 1685), “Vida del Poeta”, in Luís de Camões, *Rimas Várias* [...] comentadas por Manuel de Faria e Sousa [...], Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Teixeira, Bento (s. d.; 1ª. ed.:1601), *Prosopopeia*, Rio de Janeiro, Álvaro Pinto Ed.
- Vasconcelos, A. A. Teixeira de (1879), “Poemas heroe-cômicos”, *O Instituto*, vol. 26, n.º 3, 125-130; n.º 4, 165-173; n.º 5, 224-234.

ÍNDICE GERAL

HUMANISMO E RENASCIMENTO NA CULTURA PORTUGUESA


- LA CARTA DEL PRESTE JUAN DE LAS ÍNDIAS EN EL LIBRO DEL INFANTE DON PEDRO DE PORTUGAL: EL ESTUDIO DE LAS FUENTES COMO UN MEDIO PARA ACERCARNOS AL AUTOR REAL DEL LIBRO 7
Tomás González Rolán
- LUSITÂNIA: UMA «TRAGICOMÉDIA» DESLOCADA NA COMPILAÇÃO DE 1562? 23
Jorge Osório
- TINEAE ET BLATTAE: A PROPÓSITO DE INSETOS BIBLIÓFAGOS NA LITERATURA 37
Armando Senra Martins
- VOICES OF EXPANSION. PORTUGUESE HUMANISTS IN ITALY PRAISE THEIR COUNTRY 45
Carlos Ascenso André
- D. JOÃO E D. JOANA, NOIVOS REAIS: O RETRATO ASSINADO POR MANUEL DA COSTA (SÉC. XVI) 59
Susana Marques
- ENTRE A PEDAGOGIA DA LÍNGUA LATINA E A CRIAÇÃO LITERÁRIA – A ÉCLOGA SILENIS DE JERÓNIMO CARDOSO 69
Telmo Corujo dos Reis
- ÉVORA, ANDRÉ DE RESENDE E OS ANTECEDENTES HUMANISTAS DO PATRIMÓNIO EM PORTUGAL (SÉCS. XV-XVI) 81
Paulo Simões Rodrigues
- HOUE UMA RETÓRICA JESUÍTICA ANTES DA *RATIO STVDIORVM*? 95
Belmiro Fernandes Pereira
- RETÓRICA E POESIA EM QUATRO ORAÇÕES METRIFICADAS DE MIGUEL VENEGAS (1561) 101
Margarida Miranda
- RETÓRICA E TEATRO NOS COLÉGIOS DOS JESUÍTAS: *UIR BONUS DICENDI PERITUS* 111
António Maria Martins Melo
- DE VITA ET MORIBVS BEATAE ELISABETHAE LVSITANIAE REGINAE DE PEDRO PERPINHÃO. CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DAS INSTITUIÇÕES PATROCINADAS PELA RAINHA SANTA ISABEL 125
Helena Costa Toipa
- ACHEGA PARA UMA ANTOLOGIA DE MÉDICOS LATINISTAS PORTUGUESES: GARCIA LOPES E D. SEBASTIÃO 139
António Guimarães Pinto

UN COMENTARIO A DOS SONETOS DE JERÓNIMO OSÓRIO SOBRE LA GLORIA LITERARIA DEDICADOS A LLUÍS PONS D'ICART CON UNA NOTA SOBRE LA TRANSMISIÓN PORTUGUESA DE LOS EPIGRAMMATA <i>Juan F. Alcina Rovira</i>	161
QUEM FOI MANUEL TOMÁS, AUTOR DA <i>INSULANA</i> ? UM <i>LAPSVS LINGVAE</i> E OUTROS EQUÍVOCOS <i>Martinho Soares</i>	179
UMA BIOGRAFIA INÉDITA DE SOROR JOANA DO LOURIÇAL. HAGIOGRAFIA NO FEMININO <i>Carlota Miranda Urbano</i>	187
HERANÇA GRECO-LATINA NA CULTURA PORTUGUESA	
<i>FLORESÇA, FALE, CANTE, OIÇA-SE E VIVA A PORTUGUESA LÍNGUA:</i> BREVE APONTAMENTO LITERÁRIO <i>Maria de Deus Ramos Pinheiro Barata António</i>	201
ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DA HERANÇA GRECO-LATINA <i>Graça Rio-Torto</i>	215
A PROPÓSITO DE ALGUNS TOPÓNIMOS DA REGIÃO DE COIMBRA <i>Maria Carmen de Frias e Gouveia</i>	233
AUTORES GRECO-LATINOS NOS PRIMEIROS LIVROS IMPRESSOS EM LÍNGUA PORTUGUESA <i>José Barbosa Machado</i>	247
CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA INFLUÊNCIA DE SÉNECA EM ZURARA <i>Paulo Sérgio Margarido Ferreira</i>	261
CAMÕES, MITO MEDIADOR NA CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE EUROPEIA. DA 'TUBA CANORA E BELICOSA' À MÍTICA SATISFAÇÃO DE BELEZA <i>Henrique Chaves</i>	279
CAMÕES E OS POETAS NEOCLÁSSICOS: O CASO DE FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO <i>Fernando Alberto Torres Moreira</i>	289
QUEM É A "GLAFIRA" DE CAMÕES (<i>Lus.</i> 5.95)? <i>Nuno Simões Rodrigues</i>	299
A DESCONSTRUÇÃO BURLESCA DO MITO CAMONIANO NA PÓS-MODERNIDADE BRASILEIRA (<i>POR MARES NUNCA DANTES</i> , DE GERALDO CARNEIRO) <i>Manuel Ferro</i>	311
A MULHER BRASILEIRA NO IMAGINÁRIO DO HOMEM PORTUGUÊS: DA CARTA DE CAMINHA AO REGISTO ESTATÍSTICO ATUAL. [IGUALDADE(S) DIFERENÇA(S) E ESTEREÓTIPO(S)] <i>Maria Luísa de Castro Soares</i> <i>Luísa Maria Pereira Osório da Fonseca</i> <i>Maria João De Castro Soares</i>	321

«OS DOZE DE INGLATERRA»: UM MITO DE CORTE COMO EXPOENTE DE GALANTARIA DE PALÁCIO NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XVII <i>José Adriano de Freitas Carvalho</i>	337
THEATRO ECCLESIASTICO (1743) DE FR. DOMINGOS DO ROSÁRIO: UMA ALEGORIA NA MÚSICA BARROCA EM PORTUGAL <i>José M. Pedrosa Cardoso</i>	357
ASPETOS DA RECEÇÃO DO TRATADO <i>DO SUBLIME</i> EM PORTUGAL: A TRADUÇÃO DE CUSTÓDIO JOSÉ OLIVEIRA <i>Marta Várzeas</i>	375
ASPÁSIA DE MILETO: CELEBRADA, ESQUISITA E ... CAMILIANA <i>Maria Teresa Schiappa</i>	383
A HERANÇA CLÁSSICA NO ROMANTISMO: ALGUNS VESTÍGIOS DA LITERATURA DE SENTENÇAS E EMBLEMAS EM TEXTOS CAMILIANOS <i>Maria José Ferreira Lopes</i>	397
LINHAS DE CONTINUIDADE DA LITERATURA PORTUGUESA: A POESIA DE MANUEL DUARTE D'ÁLMEIDA <i>Henriqueta Maria Gonçalves</i>	411
ÉDIPLO E JOCASTA OU O REGRESSO À ORIGEM EM NATÁLIA CORREIA <i>Maria do Céu Fialho</i>	427
O POEMA É ONDE RESPIRA O TEU PAÍS. NOTAS SOBRE <i>BAIRRO OCIDENTAL</i> DE MANUEL ALEGRE <i>José Ribeiro Ferreira</i>	441
<i>EIRENE</i> : A PAZ ENTRE OS ESCOMBROS DA GUERRA, DE HESÍODO A HÉLIA CORREIA <i>Luísa de Nazaré Ferreira †</i>	457
NOTAS BREVES SOBRE A (IN)EFICÁCIA DOS MEIOS JURÍDICOS DE CONTROLO DA OBSERVÂNCIA DO <i>RULE OF LAW</i> ENQUANTO VALOR DA UNIÃO EUROPEIA <i>Maria José Rangel de Mesquita</i>	465
DEDICATÓRIAS	477
EPÍLOGO	487

(Página deixada propositadamente em branco)

Esta obra pretende homenagear a Prof. Doutora Nair de Nazaré Castro Soares, Professora Catedrática Jubilada da Universidade de Coimbra, num acto de reconhecimento pela sua carreira académica, que se desdobrou num profícuo e longo magistério, e numa investigação de excelência. Da sua longa e proveitosa atividade ao serviço da educação e da ciência beneficiaram muitas gerações de alunos e de investigadores, em Portugal e no estrangeiro. São esses discípulos, colegas e amigos que agora contribuem para a composição deste livro, com trabalhos que versam as várias áreas do saber em que ela se distinguiu e que conferem estrutura à organização desta obra: a literatura e a cultura greco-latinas, a tradição clássica medieval, os estudos do Humanismo e Renascimento, e a herança clássica no mundo moderno e contemporâneo.



OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA

CECH

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

I
U
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS